

REVISITANDO A HISTÓRIA: NA ROTA DA PESTE NO ESTADO DE PERNAMBUCO

Alzira Maria Paiva de Almeida¹

 <https://orcid.org/0000-0002-8304-3182>

Marise Sobreira²

 <https://orcid.org/0000-0003-3616-9169>

Constança Simões Barbosa³

 <https://orcid.org/0000-0003-0549-8293>

Elainne Christine Sousa Gomes⁴

 <https://orcid.org/0000-0001-7836-6457>

Cristina Araripe Ferreira⁵

 <https://orcid.org/0000-0002-1300-1008>

Mércia Rejane Rangel Batista⁶

 <https://orcid.org/0000-0003-4995-1117>

João Alves de Oliveira⁷

 <https://orcid.org/0000-0002-5235-1449>

Leila Maria Pessoa⁸

 <https://orcid.org/0000-0003-2468-5190>

Carlos José Saldanha Machado⁹

 <https://orcid.org/0000-0001-7642-1379>

¹ Doutora em Microbiologia pela Université Paris 7, Paris, França, Pesquisadora Emérita da FIOCRUZ, Departamento de Microbiologia, Instituto Aggeu Magalhães, FIOCRUZ PE, Coordenadora do Serviço de Referência Nacional em Peste (SRP), Curadora da Coleção Fiocruz/CYP. E-mail: alzira.almeida@fiocruz.br

² Doutora em Ciências Biológicas (Genética) pela Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE, Pesquisadora em Saúde Pública, Departamento de Microbiologia, Instituto Aggeu Magalhães, FIOCRUZ PE, Vice-coordenadora do Serviço de Referência Nacional em Peste (SRP), Curadora Adjunta da Coleção Fiocruz/CYP. E-mail: marise.silva@fiocruz.br

³ Doutora em Saúde Pública (Epidemiologia) pela Escola Nacional de Saúde Pública, FIOCRUZ, RJ, Pesquisadora em Saúde Pública, Departamento de Parasitologia, Instituto Aggeu Magalhães, FIOCRUZ PE, Vice-Coordenadora do Laboratório de Referência em Esquistossomose/MS. E-mail: constanca.barbosa@fiocruz.br

⁴ Doutora em Ciências pelo Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães, FIOCRUZ PE, Recife, PE, Pesquisadora em Saúde Pública, Departamento de Parasitologia, Instituto Aggeu Magalhães, FIOCRUZ PE, Coordenadora do Laboratório de Referência em Esquistossomose/MS. E-mail: elainne.gomes@fiocruz.br

⁵ Doutora em História da Ciência e da Saúde pela Casa de Oswaldo Cruz, FIOCRUZ, RJ, Pesquisadora Titular em Saúde Pública, Coordenadora de Divulgação Científica, Vice-Presidência de Educação, Informação e Comunicação da FIOCRUZ. E-mail: cristina.araripe@fiocruz.br

⁶ Doutora em Antropologia Social pela Universidade do Rio de Janeiro, RJ, Professora e Pesquisadora da Universidade Federal de Campina Grande, PB. E-mail: mercia.rejane@professor.ufcg.edu.br

⁷ Doutor (PhD) em Zoologia, Texas Tech University, Lubbock, Texas, EUA, Professor Titular do Departamento de Vertebrados, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: jaoliv@mn.ufrj.br

⁸ Doutora em Ciências Biológicas (Zoologia) pela Universidade Estadual Paulista, São Paulo, Professora Titular do Departamento de Zoologia, Instituto de Biologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: pessoa@acd.ufrj.br

⁹ Doutor em Antropologia pela Université Paris Descartes, Paris V, França, Pesquisador Titular em Saúde Pública da FIOCRUZ, Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde (ICICT) e Laboratório de Informação Científica e Tecnológica em Saúde (LICTS), FIOCRUZ. E-mail: carlos.saldanha@fiocruz.br

RESUMO

Este artigo revisita a trajetória da peste no estado de Pernambuco, Brasil, desde os primeiros registros até a contemporaneidade, com foco nas três principais regiões endêmicas: Exu, Garanhuns e Triunfo, com o objetivo de lançar luz sobre aspectos pouco compreendidos, e, potencialmente, redirecionar o entendimento tradicional da doença. Utilizando uma metodologia que inclui análise documental, revisão de literatura e observação *in loco* durante uma expedição científica realizada em julho de 2023, o presente estudo explora os primeiros casos de peste no Estado e as ações de controle adotadas ao longo do tempo. São detalhados os antecedentes e o desenvolvimento dos trabalhos de pesquisa e controle realizados pelo Plano Piloto de Peste, a Estação de Biologia Experimental de Exu, o Laboratório Central de Garanhuns e o Laboratório de Endemias de Triunfo. O artigo analisa também a situação atual da peste nessas regiões, destacando os avanços e desafios nas estratégias de monitoramento e controle. A conclusão discute as implicações dos achados para a saúde pública e oferece recomendações para futuras ações de prevenção e controle da peste em Pernambuco.

Palavras-chave: Peste. História. Pernambuco. Laboratórios. Controle de Doença Transmissível.

REVISITING HISTORY: ON THE PLAGUE ROAD IN THE STATE OF PERNAMBUCO

ABSTRACT

This article revisits the trajectory of plague in the state of Pernambuco, Brazil, from the first records to the present day, focusing on the three main endemic regions: Exu, Garanhuns, and Triunfo, with the aim of clarifying poorly understood aspects and potentially redirecting the traditional understanding of the disease. Using a methodology that includes documentary analysis, literature review, and *in loco* observation during a scientific expedition carried out in July 2023, the present study explores the first cases of plague in the state and the control actions adopted over time. The background and development of the research and control work carried out by the Plano Piloto de Peste, the Estação de Biologia Experimental de Exu, the Laboratório Central de Garanhuns, and the Laboratório de Endemias de Triunfo are detailed. The article also analyzes the current situation of plague in these regions, highlighting the advances and challenges in monitoring and control strategies. The conclusion discusses the implications of the findings for public health and offers recommendations for future plague prevention and control actions in Pernambuco.

Keywords: Plague. History. Pernambuco. Laboratories. Communicable Disease Control.

REVISITANDO LA HISTORIA: EN LA RUTA DE LA PESTE EN EL ESTADO DE PERNAMBUCO

RESUMEN

Este artículo revisita la trayectoria de la peste en el estado de Pernambuco, Brasil, desde los primeros registros hasta la actualidad, centrándose en las tres principales regiones endémicas: Exu, Garanhuns y Triunfo, con el objetivo de arrojar luz sobre aspectos poco comprendidos y potencialmente redireccionar la comprensión tradicional de la enfermedad. Utilizando una metodología que incluye análisis documental, revisión de literatura y observación *in loco* durante una expedición científica realizada en julio de 2023, el presente estudio explora los primeros casos de peste en el Estado y las acciones de control adoptadas a lo largo del tiempo. Se detallan los antecedentes y desarrollo del trabajo de investigación y control realizado por el Plan Piloto de Peste, la Estación de Biología Experimental de Exu, el Laboratorio Central de Garanhuns y el Laboratorio de Enfermedades Endémicas de Triunfo. El artículo también analiza la situación actual de la peste en estas regiones, destacando los avances y desafíos en las estrategias de monitoreo y control. La conclusión analiza las implicaciones de los hallazgos para la salud pública y ofrece recomendaciones para futuras acciones de prevención y control de la peste en Pernambuco.

INTRODUÇÃO

Os desafios enfrentados pela humanidade durante as pandemias de peste ao longo da história ganharam nova relevância com a pandemia de COVID-19 (Bramanti *et al.*, 2016; WHO, 2019). Apesar dos avanços científicos, a peste continua a manter seu caráter aterrorizante e não pode ser erradicada de seus focos naturais (Vallès *et al.*, 2020). A simples suspeição de novos casos tende a provocar pânico na população e entre os profissionais de saúde. Embora a probabilidade de epidemias semelhantes à Peste Negra da Idade Média seja reduzida devido aos avanços terapêuticos e às medidas de prevenção e controle atualmente disponíveis, a bactéria ainda pode ser utilizada como arma biológica em ações de bioterrorismo, com consequências imprevisíveis (Stenseth *et al.*, 2008).

As lições do passado na luta contra a peste são essenciais não apenas para compreendermos a origem e a dinâmica de novas pandemias, mas também para desenhar estratégias adequadas ao enfrentamento. O que aprendemos com a história é que a resiliência das sociedades diante das crises sanitárias se relaciona diretamente com a capacidade de aprender com experiências anteriores, avaliando os erros cometidos e as ações bem-sucedidas que se impuseram durante os períodos de calamidade.

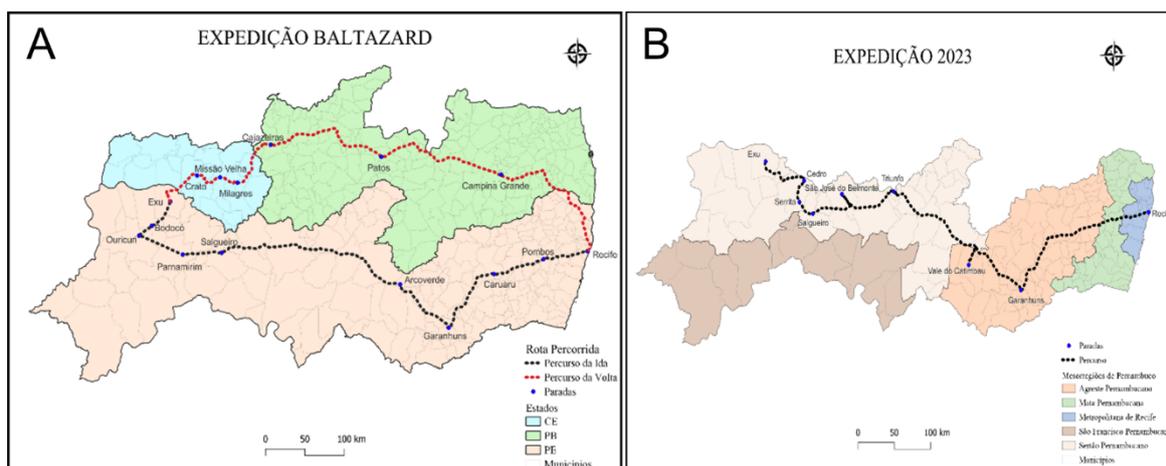
Podemos e devemos considerar o modo pelo qual, no imaginário, o fantasma da peste persiste, mesmo com todo o acúmulo dos conhecimentos científicos. Por outro lado, a emergência e reemergência de doenças, sejam de natureza antiga, como a tuberculose, ou novas, como a COVID-19, semelhante ao que aconteceu com a peste, demonstram a fragilidade dos sistemas de saúde e a importância de um monitoramento contínuo e de pesquisa constantes. Compreender padrões de propagação, mutação e adaptação de patógenos é determinante para que se possa antecipar surtos e responder de maneira adequada às ameaças à saúde pública.

É imprescindível que se possa refletir sobre o modo pelo qual o imaginário coletivo cultiva o fantasma da peste, um símbolo de medo e incertezas que ainda persiste na sociedade contemporânea. Estamos diante de uma herança histórica, que vem moldando nossa percepção sobre doenças infecciosas, mas também as políticas de saúde pública e a reação da população durante as crises sanitárias. Apesar de todos os avanços do saber científico e das tecnologias de prevenção e tratamento, o estigma e o receio podem retomar o poder em contextos de emergência, destacando a importância de se manter um diálogo entre a ciência e a sociedade.

Neste trabalho, nosso objetivo é apresentar um resumo da trajetória da peste no estado de Pernambuco (Brasil) até os dias atuais. Abordaremos os planos idealizados para o enfrentamento da peste, as ações realizadas e a situação atual do programa de controle. Em julho de 2023, uma equipe de pesquisadores percorreu as áreas afetadas pela doença no estado de Pernambuco e visitou os

laboratórios remanescentes dos programas de controle da peste no Estado, refazendo o percurso da viagem realizada por Marcel Baltazard (1908-1971), em 1965 (Baltazard, 1068). A observação *in loco*, depois de quase seis décadas, revelou o desmonte da infraestrutura física estabelecida para o controle da doença motivada pelos estudos e projetos após a expedição de Baltazard e colaboradores (Figura 1).

Figura 01 – (A) Mapa do trajeto de Baltazard, em 1965; (B) Mapa do trajeto da expedição, em 2023



Fonte: Elaborado por Júlia Gabriela Caldas Amâncio para este trabalho (2025)

METODOLOGIA

A história é um campo em constante evolução, em que novas evidências e perspectivas desafiam interpretações estabelecidas. Desse modo, a metodologia da pesquisa combinou múltiplas fontes de dados e técnicas de coleta para explorar a trajetória da peste no estado de Pernambuco. Primeiramente, foi realizada uma análise documental e iconográfica, incluindo a consulta a documentos históricos, relatórios, mapas, fotografias e textos relacionados à peste no Brasil, com foco nas regiões endêmicas de Exu, Garanhuns e Triunfo, o que permitiu compreender os contextos históricos e os processos de introdução, dispersão e controle da peste ao longo do tempo. Complementarmente, foram coletados relatos de experiências por meio de entrevistas e depoimentos de especialistas e profissionais que participaram de campanhas de controle e monitoramento da peste nas regiões endêmicas, capturando práticas, estratégias adotadas e desafios enfrentados no combate à doença ao longo das décadas. A metodologia também incluiu as observações e análises propostas ao longo da expedição realizada em julho de 2023, durante a qual uma equipe de nove pesquisadores de diferentes instituições (FIOCRUZ, UFRJ, UFCG) percorreu as áreas afetadas pela peste em Pernambuco, refazendo o percurso da viagem de Baltazard, em 1965 (Baltazard 1968), visitando os laboratórios remanescentes dos programas de pesquisa e controle da doença. Nessa expedição, foram coletados dados sobre a situação atual da peste, infraestruturas disponíveis, condições de trabalho e

estratégias de monitoramento e controle em vigor. A observação *in loco* foi crucial para validar as informações obtidas nas análises documentais e nos relatos de experiências, oferecendo uma compreensão aprofundada do contexto histórico e geográfico da peste, permitindo a verificação da precisão das informações históricas e a identificação de lacunas na documentação. Essa prática possibilitou também a exploração de materiais arquivísticos e entrevistas com especialistas locais, captando nuances culturais e sociais que influenciaram a forma como a doença foi experienciada pela população. Com a combinação dessas diversas abordagens, o estudo proporcionou uma visão abrangente da evolução da peste em Pernambuco e das ações implementadas para seu controle, destacando tanto os avanços quanto os desafios persistentes nas estratégias de prevenção, reconstruindo sua história.

PENETRAÇÃO DA PESTE NO ESTADO DE PERNAMBUCO E PRIMEIRAS AÇÕES DE CONTROLE

Em Pernambuco, a peste chegou pelo porto do Recife, cidade capital do estado, em março de 1902. A primeira vítima notificada à Repartição de Hygiene foi um morador da rua Estreita do Rosário, diagnosticado clinicamente pelo Dr. Carneiro da Cunha e confirmado pelo Dr. Otávio de Freitas por meio de testes laboratoriais. Pouco depois, Dr. Adolpho Simões Barbosa notificou mais dois casos vindos da rua do Livramento, que foram encaminhados ao Hospital Portuguez de Beneficência, seguido por outros casos notificados pelo Dr. Alfredo Costa. Outras ocorrências foram registradas em uma área circunscrita da cidade (nas ruas do Livramento, Queimadas, Estreita do Rosário e Larga do Rosário) precedidas por uma epizootia de ratos que apareceram mortos em diversos domicílios do bairro. Antes e depois dos casos notificados oficialmente, outros médicos observaram vários casos com sintomas semelhantes, mas, temendo serem estigmatizados pela população e mesmo pelas autoridades ante um diagnóstico de peste que desencadearia medidas impopulares e constrangedoras, como as quarentenas e expurgos, descreveram-nos como “*Lymphatite perniciosa*”. A magnitude da epidemia aumentou com o tempo e a primitiva zona pestosa foi se alargando, espalhando-se por vários pontos da cidade, pela evasão dos doentes dos seus domicílios para outros locais, com receio das medidas de “higiene defensivas”. Nesta investida, a peste ceifou 431 vidas, de 1902 a 1918. A partir de 1915, o número de casos começou a declinar e foi atribuído à campanha intensiva de rigorosa impermeabilização do solo das habitações como medida para extermínio dos ratos, considerados “viveiros” de pulgas infectadas e propagadores da infecção (Freitas, 1919, 1988).

A peste se espalhou de Recife para o interior do estado, infectando as principais cidades conectadas à Capital pela antiga ferrovia *Great Western*, propagando-se pela zona rural e seguindo o

fluxo do comércio da época, que tem relação direta com a disseminação de epidemias (Freitas, 1988). Apesar das continuadas medidas de controle, surtos de peste, intercalados por períodos de quiescência de cinco a dez anos, continuaram a ocorrer, quando, na década de 1960, houve um notável recrudescimento dos casos, cujo estado de Pernambuco foi um dos mais atingidos. Sendo o controle da peste de interesse internacional, a Organização Mundial da Saúde (OMS) indicou o Dr. Marcel Baltazard (1908-1971), então diretor do Instituto Pasteur do Irã e Consultor da Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS) para vir ao Brasil, a fim de organizar um projeto de pesquisas para esclarecer aspectos ainda desconhecidos da epidemiologia da peste e organizar um programa de controle da doença (Baltazard, 1968; Silva, 2025; Tavares, 2007). O consultor chegou ao Rio de Janeiro (RJ) em 17/03/1965 e, após reuniões com representantes da OPAS e do Ministério da Saúde (MS), e de uma análise da documentação fornecida pela equipe técnica do Departamento Nacional de Endemias Rurais (DNERu), concentrou sua atenção em cinco áreas focais de transmissão mais ativas na época, que denominou: Foco de Teresópolis (RJ), Foco de Triunfo (PE), Foco norte do Ceará, Foco leste de PE e Foco sul do Ceará – oeste de PE.

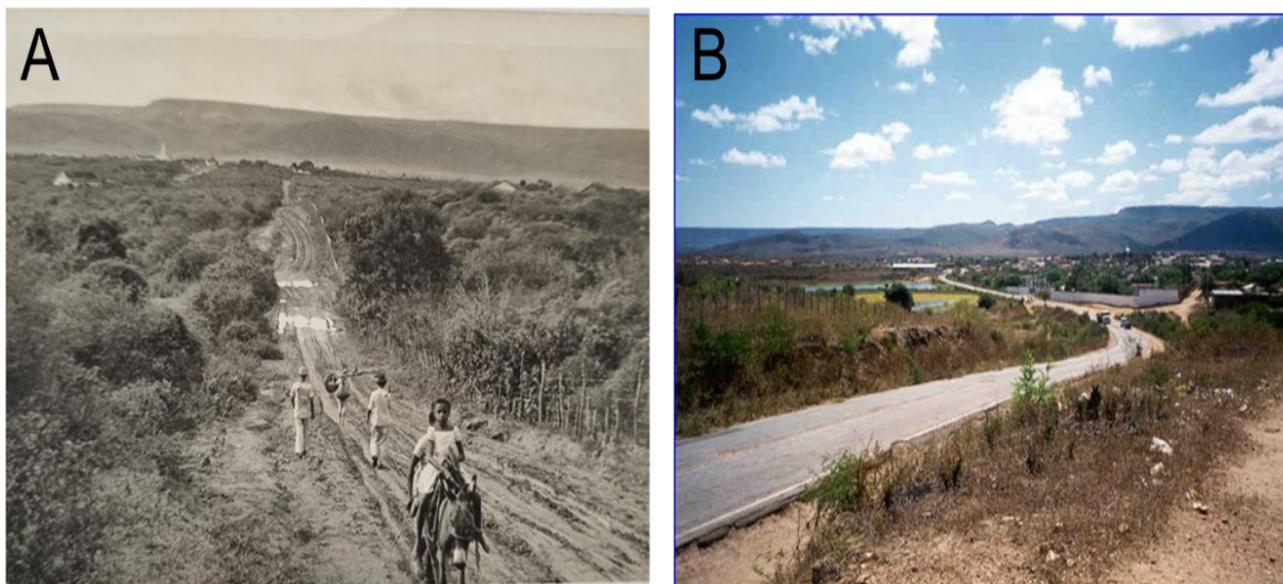
Para confirmar suas hipóteses, o consultor visitou a área focal de Teresópolis na Serra dos Órgãos no Rio de Janeiro e em Pernambuco, percorreu as áreas de peste ativas, iniciando com uma viagem até Pombos (limite litoral – zona da mata com casos recentes no início de 1965). Em continuação, subindo o Planalto da Borborema, adentrou o agreste até Caruaru (com casos recentes no início de 1965) e Garanhuns, prosseguindo via Arcoverde e Custódia, e seguindo em direção ao sertão por Salgueiro, Parnamirim, Ouricuri, Bodocó até Exu, na Chapada do Araripe.

No percurso visitou antigas instalações remanescentes do Serviço Nacional de Peste (SNP, 1941-1956) e contactou médicos e outros profissionais que atuavam no então Programa de Controle da Peste (PCP). Em Exu, que era um dos municípios mais atingidos pelo agravo, Baltazard observou que existia uma Escola Técnica de Agricultura desativada na época (dotada de gerador de eletricidade e sistema de adução de água do açude) e já ajuizou que a mesma poderia ser utilizada para instalação do projeto de pesquisas (Figura 2).

O retorno para o Recife foi contornando a vertente norte da Chapada do Araripe através do Crato, Missão Velha e Milagres (CE), e Cajazeiras e Patos no sertão da Paraíba, subindo pelo Planalto da Borborema até chegar a Campina Grande (PB), que havia sido atingida pela peste ainda em 1960-1961 (Baltazard, 1968). Este percurso foi realizado em companhia do Dr. Frederico Simões Barbosa (1916-2004), então diretor do Instituto Aggeu Magalhães (IAM), que prestou todo o apoio ao desenvolvimento do projeto (Almeida, 2016). Dessa excursão, resultou um magnífico relato sobre as condições ecológicas e epidemiológicas das regiões onde ocorriam os casos da doença (Baltazard, 1968). A observação *in loco* confirmou a noção de que a região da Borborema seria um foco difuso de grande extensão, sem limites definidos, espalhando-se do Rio Grande do Norte até Alagoas. Por

outro lado, o município de Exu foi considerado o epicentro da área focal da Chapada do Araripe, (o lugar onde a peste primeiro reapareceria, depois de anos de silêncio, e onde por último se extinguiria), a qual seria um foco permanente de limites bem definidos. Essas características fascinaram o consultor, que se encantou com a paisagem, que descreveu como um oásis em pleno sertão, limitado pela caatinga, além de impressionado pela versão francesa dos “Sertões”, de Euclides da Cunha (1866-1909) (Cunha, 1902), e pelas semelhanças que encontrou com o foco do Curdistão russo-iraniano, onde vinha realizando pesquisas sobre a peste (Baltazard, 2004).

Figura 2 – (A) Vista da Chapada do Araripe e da estrada em Exu em 1966; (B) Vista da Chapada do Araripe e da estrada em Exu em 1992



Fonte: Acervo do Serviço de Referência Nacional de Peste.

Como resultado de suas observações e das deliberações com os sanitaristas do DNERu e do Instituto Nacional de Endemias Rurais (INERu), responsáveis pelo controle da peste (Figura 3), foi escolhido o município de Exu para sediar o projeto que foi denominado Plano Piloto de Peste (PPP). No período de 1966 a 1974, o PPP desenvolveu um vasto programa de pesquisas em campo e de cunho experimental no laboratório instalado, obtendo resultados que motivaram a reestruturação do programa de controle da zoonose em âmbito nacional (Tavares, 2007).

Figura 3 – (A) Frederico Simões Barbosa; (B) Marcel Baltazard; (C) Celso Arcoverde de Freitas



Fonte: Fotos (A) Cortesia de Constança Simões Barbosa; (B) Acervo do Serviço de Referência Nacional de Peste; (C) Cortesia de João Alves de Oliveira.

FOCO DA CHAPADA DO ARARIPE

Histórico da peste em Exu

Os primeiros casos de peste em Exu foram registrados em 1919, e, nos anos seguintes, epidemias se sucederam, destacando-se as de 1925, 1935 e 1938, seguidas da ausência de casos por seis anos (1955-1960) e 15 anos (1961-1976) de atividade contínua (Freitas, 1988; Parente; Miranda, 2023).

No período de 1945 a 1976, o município de Exu concentrou o maior número de casos humanos de peste (267) de Pernambuco, seguido por Bodocó (45 casos), Araripina (37) e outros cinco municípios da Chapada do Araripe, na mesorregião do Sertão (Fernandes *et al.*, 2021). Segundo Fernandes *et al.* (2021), no período 1945-1954, os casos ainda eram essencialmente urbanos, sendo a infecção entretida pelos ratos comensais e suas pulgas nas habitações da cidade, e, após seis anos de silêncio (1955-1960), reapareceu nos sítios e fazendas, revelando-se estabelecida na fauna silvestre das áreas rurais. Repentinamente, após 15 anos de atividade contínua e em um momento de maior expansão, a peste desapareceu desse foco, a partir de 1975 (Fernandes *et al.*, 2021). As causas deste fato não são conhecidas, mas pode-se supor que tenha sido devido à rarefação das populações de roedores, dizimadas por sucessivas epizootias e que não conseguiram se recuperar devido às alterações climáticas (Bezerra *et al.*, 2024). Essa mudança de padrão, representada pela ausência de casos, foi contrária à hipótese de Baltazard (1968, 2004), que seria a redução gradual dos casos e o recuo da área infectada, com persistência em Exu até a paralisação total das atividades de infecção no foco.

Estação de Biologia Experimental de Exu (1974 - 2007)

A Estação de Biologia Experimental do IAM foi criada para dar continuidade aos trabalhos do PPP (Tavares, 2007) e foi inicialmente instalada no antigo prédio do Posto do DNERu, da década de 1930, no centro da cidade, que estava inativo na época. Lá, funcionou até 2002, quando foi transferida para um prédio cedido pela prefeitura, localizado na Avenida Edmundo Dantas, nº 41, Centro, Exu (Figura 4).

Figura 4 – (A) Posto do DNERu/Estação de Biologia Experimental do IAM (1974); (B) Laboratório de Peste - Exu (2002)



Fonte: Acervo do Serviço de Referência Nacional de Peste.

O prédio foi adaptado com instalações e equipamentos para as diversas atividades relacionadas às análises bacteriológicas para pesquisa da *Y. pestis*, em roedores e pulgas, identificação das pulgas, quarentena dos roedores, atividades burocráticas, depósito de materiais, entre outros.

Inicialmente a equipe foi composta pelos guardas de endemias, motoristas e auxiliares de conservação e asseio, sob a supervisão do laboratorista-auxiliar Francisco Gomes de Carvalho, que faziam parte do PPP (Tavares, 2007). Após a aposentadoria do pessoal do IAM, a Superintendência de Campanhas de Saúde Pública (SUCAM) da Fundação Nacional de Saúde (FNS) passou a garantir os recursos humanos necessários. Com a criação do Sistema Único de Saúde (SUS), em 1988, e sua estruturação a partir de 1990, a prefeitura assumiu a gestão do laboratório e, desde então, as atividades de vigilância também passaram para a responsabilidade municipal.

As atividades da Estação de Biologia Experimental foram expandidas para os municípios vizinhos, incluindo Bodocó, Cedro, Granito, Araripina, Ipubi, Santa Filomena, e atravessando a fronteira estadual com o Piauí, alcançando Simões e Padre Marcos. Foram realizadas buscas ativas

de casos, coletaram-se amostras de roedores e pulgas para acompanhar os “rastilhos epizooticos” (Fernandes *et al.*, 2021; Bezerra *et al.*, 2024).

FOCO DO AGRESTE DE PERNAMBUCO

Histórico da peste no foco do Agreste Pernambucano

Nos anos 1930 e 1940, a peste se espalhou pelo agreste pernambucano, na vertente sul do Planalto da Borborema, destacando-se nos municípios de Garanhuns e Bom Conselho (considerados o epicentro do foco), Caetés, Saloá, Capoeiras, Brejão e São Bento do Una, e incidiu quase anualmente em surtos familiares dispersos em áreas remotas, de difícil acesso, com alta letalidade pela falta de tratamento ou tratamento tardio, devido à carência de recursos médicos e terapêuticos adequados (Freitas, 1988; Rocha *et al.*, 2025). Os casos geralmente ocorriam precedidos ou simultaneamente ao encontro de ratos (*Rattus rattus*) mortos nas casas, “queda de ratos”, ou pelo odor dos ratos mortos nas tocas e galerias sob o piso de terra batida (Freitas, 1988). Em 1957, a peste desapareceu desse foco pela primeira vez, depois de 26 anos de atividade contínua, e reapareceu em 1960, após três anos de silêncio (Baltazard, 1968).

No período epidêmico de 1961 a 1975, o maior número de casos humanos no foco do Agreste de Pernambuco foi registrado nos municípios de Bom Conselho (20), Cachoeirinha (13) e Panelas (11), enquanto outros 31 municípios registraram de um a 10 casos positivos, sendo apenas dois casos em Garanhuns (Fernandes *et al.*, 2021).

Laboratório Central em Garanhuns (1974-1981)

O Laboratório Central de Peste em Garanhuns foi estabelecido mediante acordo entre a direção do INERu, através de Celso Arcoverde de Freitas e do então diretor do IAM, Saul Tavares de Melo, e teve como missão principal atuar como Laboratório Nacional da rede recém criada para o novo programa de controle da peste (PCP), além de realizar a vigilância da zoonose na área de transmissão do Agreste de Pernambuco, treinar pessoal para os laboratórios do PCP e dar prosseguimento às pesquisas desenvolvidas pelo PPP em Exu, devido às dificuldades da logística de manutenção daquele programa no sertão, o que limitava o aprofundamento dos estudos.

As atividades nesse Laboratório começaram em novembro de 1974, com uma equipe composta pelos pesquisadores Celio Rodrigues de Almeida, Alzira Maria Paiva de Almeida e Darci Pascoal Brasil (1942-2019), um laboratorista auxiliar que faziam parte do PPP (Tavares, 2007), além de um motorista e dois auxiliares de conservação e asseio cedidos pelo IAM. Inicialmente, o

laboratório operava nas antigas instalações do Laboratório de Peste do DNERu, construído em 1938, sob chefia do Dr. Celso Arcoverde de Freitas (Freitas, 1988). Para dar suporte ao amplo espectro de atividades planejadas, em 1977 o Ministério da Saúde (MS) construiu um novo prédio ao lado do antigo, equipado com a estrutura necessária para o desenvolvimento dos trabalhos, incluindo um auditório onde foram realizados diversos treinamentos para profissionais de todo o Brasil. Fortalecendo o programa com a presença de pessoal qualificado para atuar em diversos focos, o MS investiu também em infraestrutura. O novo prédio incluía secretaria, vestiários, diferentes salas para as diversas atividades: bacteriologia, preparação de meios de cultura, necropsias e inoculações, manutenção dos animais inoculados, esterilização e lavagem de material, identificação e cultura de pulgas, duas câmaras frias (4-10°C e -20°C) e um anexo com ambientes para quarentena dos roedores e colonização de cobaias (porquinho-da-índia: *Cavia porcellus*). A equipe do laboratório foi ampliada com a contratação de quatro laboratoristas, uma secretária e dois auxiliares para serviços gerais (Figura 5).

Figura 5 – (A) Vista lateral do Posto do DNERu; (B e C) Vista lateral do Laboratório Central; (D) Quarentena de roedores; (E) Colônia de cobaias (porquinho-da-índia: *Cavia porcellus*)



Fonte: (A-C) Acervo do Serviço de Referência Nacional de Peste; (D-E) Fotos de Marise Sobreira.

A partir de 1975, o Laboratório Central de Peste em Garanhuns passou a realizar a vigilância da área, visando à detecção precoce de atividade pestosa entre roedores e suas pulgas. Durante o pico

de casos da doença no país, a equipe forneceu diagnóstico bacteriológico da peste em humanos em todos os focos, do Nordeste ao Rio de Janeiro; forneceu insumos para diagnóstico bacteriológico e promoveu capacitações de recursos humanos em bacteriologia da peste, além de confirmar a identificação das culturas de peste isoladas nos Laboratórios Regionais (Almeida *et al.*, 2020).

Em 1982, as atividades de referência passaram a ser desenvolvidas no Instituto Aggeu Magalhães da FIOCRUZ, em Recife e, em 2002, o laboratório foi formalmente credenciado pelo MS, como Serviço Nacional de Referência em Peste (SRP) (Silva; Almeida, 2020). Conseqüentemente, a SUCAM/FNS passou então a fornecer os recursos humanos necessários e, posteriormente, com o advento do SUS, o município assumiu a gestão do laboratório e da vigilância epidemiológica.

FOCO DE TRIUNFO, SÃO JOSÉ DO BELMONTE (PE) E PRINCESA ISABEL (PB)

As observações mostraram que não existe barreira ecológica importante para a peste entre esses municípios, constituindo um único foco (Baltazard, 2004). Ao longo do tempo, a peste apresentou um padrão cíclico com períodos de infecção humana intercalados por períodos silentes de até 10 anos. Surtos de peste foram registrados em ondas sucessivas (1924-27, 1935-46, 1957-66 e 1972-78), sempre limitados à montanha, aparecendo ora em um, ora noutro município, e transbordando para as áreas cultivadas dos municípios vizinhos (Freitas, 1988).

Notavelmente, em 1968, ocorreram 29 casos em Belmonte, desaparecendo logo em seguida, em 1969 (Baltazard, 2004). A história epidemiológica da peste no município de Triunfo é de grande importância pelas suas epidemias de peste lendárias, com inúmeros registros, destacando-se a grande epidemia de 1926, que causou mais de 1.000 vítimas e gerou um impacto significativo nas atividades comerciais e sociais locais, além de forte desequilíbrio econômico na região. Este evento está amplamente documentado em relatos da época (Lopes, 2017) e perpetuado em alguns túmulos fora dos cemitérios, onde muitas vítimas foram apressadamente sepultadas. A imprensa pernambucana, através do seu jornal Diário de Pernambuco, chegou a considerar a epidemia de Triunfo em 1926 a mais importante do Brasil e, quiçá, da América do Sul. Segundo a crônica, nessa ocasião, “a população de Triunfo, dividiu-se em dois grupos: o dos que ficaram no cemitério local e o dos que emigraram para outras cidades” (Ed. 00195 de 28/08/1957) (Figura 6).

Vários médicos do SNP atuaram no Posto de Triunfo. Depois, o Laboratório de Endemias ficou sendo dirigido pelos laboratoristas, sendo, o último responsável, o Agente de Saúde Fernando Ferro, até 2023, quando a vigilância passou à responsabilidade da Regional em Serra Talhada.

Figura 6 – (A e B) Túmulos da epidemia de 1926; (C) Foto das icônicas cercas de pedra de Triunfo *habitats* de roedores



Fonte: Fotos (A e B) Cortesia de Marise Sobreira (2005); (C) Acervo do Serviço de Referência Nacional de Peste (1967).

A peste silvestre em Triunfo foi detectada pela primeira vez em agosto de 1957, pelo consultor da OPAS/OMS, Dr. José Maria de la Barrera, que isolou a *Y. pestis* de roedores sinantrópico-silvestres, encontrados mortos nos campos (Barrera, 1959). Observou-se, à época, que as cercas de pedra de Triunfo constituem o maior *habitat* para os roedores que se alimentam do milho que lavradores acumulam para o consumo e exportação (Ed. 00195 de 28/08/1957) (Figura 6). Também já se observava a ineficácia do inseticida DDT (dicloro-difenil-tricloroetano) empregado no combate às pulgas no interior das habitações (ed. 00198 de 31/08/1957).

A equipe do PPP realizou expedições a este foco, em 1967, 1969 e 1970, detectando a *Y. pestis* em roedores silvestres e demonstrando a resistência das pulgas *Xenopsylla cheopis* e *Pulex irritans* aos inseticidas clorados DDT e Dieldrin (Tavares, 2007). Recentemente (01/10/1991), o município de Triunfo foi subdividido, resultando na criação do município de Santa Cruz da Baixa Verde, onde realmente ocorreu o maior número de casos.

Laboratório de Endemias de Triunfo

A importância histórica desse foco manteve o interesse das autoridades municipais, que sempre buscaram apoiar as atividades de vigilância e o funcionamento do Laboratório fundado em 1943 pelo SNP, na Avenida José Bezerra, 65, Centro. Duas tentativas de transferir o Posto do SNP, transformado em Posto de Endemias Rurais local, para cidades vizinhas, na década de 1960, foram abortadas pela veemente oposição da Câmara de Vereadores Municipal, que conseguiu sua manutenção (ed. 00194, de 28/08/1960).

Em 2004, o laboratório foi requalificado pela SES/PE, recebendo melhorias estruturais e novos equipamentos, tornando-se o mais bem equipado dos Laboratórios de Apoio do PCP. A reinauguração do laboratório na época foi solenemente celebrada e teve grande publicidade com faixas e carro-de-som na cidade e a presença de profissionais da Secretaria Estadual de Saúde de Pernambuco, Secretaria Municipal de Saúde e do IAM (Figuras 7-8).

Figura 7 – (A) Vista frontal do Prédio original do SNP; (B) Laboratório reformado em 2004; (C) Celebração da reforma do laboratório (2004)



Fonte: Acervo do Serviço de Referência Nacional de Peste.

Figura 8 – Vista interior do Laboratório de Endemias: (A) Bancada de microscopia; (B) Sala de bacteriologia com cabine de contenção biológica; (C) sala de esterilização com autoclave; (D) Quarentena de animais



Fonte: Acervo do Serviço de Referência Nacional de Peste (2004).

Até a municipalização das atividades de vigilância da peste, o Laboratório de Endemias de Triunfo deu suporte às atividades desenvolvidas nas áreas focais de Belmonte e Princesa Isabel. As amostras biológicas coletadas nessas áreas (material de doentes, pulgas, roedores) eram conduzidas para processamento em Triunfo. Os roedores eram mantidos em observação, em quarentena, e, oportunamente, examinados para pesquisa da *Y. pestis*.

COTIDIANO DA EXPEDIÇÃO DE JULHO DE 2023

A expedição foi realizada no período de 17 a 22 de julho de 2023, numa Van contratada da empresa Austin, conduzida pelo motorista Sr. Jocemar, tendo como participantes os pesquisadores doutores Alzira Maria Paiva de Almeida (Serviço de Referência Nacional em Peste e Coleção de Revista Raízes, Campina Grande, v. 45, n. 1, jan./jun. 2025.

culturas de *Yersinia pestis* - Fiocruz/CYP do IAM-FIOCRUZ PE), Carlos José Saldanha Machado (Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde (ICICT) e Laboratório de Informação Científica e Tecnológica em Saúde (LICTS), Constança Simões Barbosa (Laboratório de Referência em Esquistossomose/MS – FIOCRUZ PE), Cristina Araripe Ferreira (Vice-Presidência de Educação, Informação e Comunicação da FIOCRUZ), Elaine Christine de Sousa Gomes (Laboratório de Referência em Esquistossomose/MS – FIOCRUZ PE), João Alves de Oliveira (Departamento de Vertebrados do Museu Nacional, UFRJ), Leila Maria Pessôa (Departamento de Zoologia, Instituto de Biologia, UFRJ), Marise Sobreira (Serviço de Referência Nacional em Peste e Coleção de culturas de *Yersinia pestis* – Fiocruz/CYP do IAM – FIOCRUZ PE), Mércia Rejane Rangel Batista (Unidade Acadêmica de Ciências Sociais / Universidade Federal de Campina Grande). Luise e Artur, filhos de Marise, que se encontravam em período de férias escolares, nos acompanharam na expedição (Figura 9). Foram feitas fotos pela equipe do Setor de divulgação do IAM para registro e divulgação do evento¹⁰.

Figura 9 – Participantes da Expedição em 2023. 1ª fila da esquerda para a direita: Cristina Araripe, Marise Sobreira, Elaine Gomes; 2ª fila: Mércia Batista, Alzira Almeida, Leila Pessoa; 3ª fila: Carlos Saldanha, Constança Simões Barbosa, João Alves



Fonte: Foto de Carlos Saldanha Machado (2023).

¹⁰ As fotos podem ser vistas em: <https://www.cpqam.fiocruz.br/institucional/noticias/expedicao-cientifica-refaz-a-rotada-peste-em-pernambuco>.

Dia 01 (segunda-feira) 17/07/2023

Partimos do IAM às 13:00 horas e seguimos pela BR232 para Garanhuns, num percurso de cerca 230 km. Chegamos em Garanhuns por volta das 16:00 horas e fomos direto para o prédio do Laboratório Central de Peste, construído em 1976-1977, que estava desativado. Apenas algumas salas estavam sendo usadas como depósito de materiais inservíveis, resíduos das operações durante a pandemia de Covid19, aguardando descarte (Figura 10). Constatamos também que o prédio do antigo laboratório de peste do SNP havia sido transformado em Farmácia do Estado, que, aliás, se encontrava bastante movimentada, com grande afluxo de pessoas. O auditório, no entanto, continuava bem conservado e ainda era utilizado para capacitações. Foram feitas fotos das instalações.

Nas novas instalações da SES/PE, edificadas nas imediações, encontramos as doutoras Dulcineide Guilherme da Rocha (Referência Técnica das Arboviroses da V Geres), que fortuitamente havia participado anteriormente de um dos Cursos de Capacitação em Peste do PCP, Maria da Conceição de Santana (Coordenação de Vigilância em Saúde e Atenção Primária da V GERES) e Janaina Ramos dos Santos (Gerente Regional da V GERES), com as quais falamos sobre os programas e as atividades em andamento.

Figura 10 – (A) corredor interno do laboratório; (B) equipamento de esterilização e outros, desativados; (C) câmara fria desativada



Fonte: Foto de Carlos Saldanha Machado (2023).

Conseguimos, excepcionalmente, acomodações para todos no Hotel Reobot Center, na Avenida Santo Antônio, Centro, pois todos os estabelecimentos estavam lotados por turistas chegados para um Festival de Inverno de Jazz.

DIA 02 (terça-feira) 18/07/2023

Após um rápido circuito pela cidade e visita ao Parque Van der Linden, seguimos percorrendo a área pestosa dos municípios de Garanhuns, Arcoverde e Buíque, até o Vale do Catimbau (Parque Nacional do Catimbau), onde visitamos o ateliê do Mestre Luiz Benício e conhecemos suas obras esculpidas em madeira seca da caatinga, representando santos da devoção local, insetos, répteis, mandacarus e outros de inspiração do local. Seguimos para Triunfo, aonde chegamos no final da tarde, num percurso de cerca de 260 km. Nossa hospedagem foi no Triunfo Papo Hotel, no centro da cidade.

DIA 03 (quarta-feira) 19/07/2023

Dirigimo-nos para o Laboratório de Endemias onde nos esperava seu responsável, o Agente de Saúde Fernando Ferro e verificamos que o laboratório estava sendo desmontado, inclusive as placas da fachada do prédio tinham sido apagadas e todos os equipamentos estavam embalados para transferência para a regional em Serra Talhada. Foram feitas fotos para registro da visita (Figura 11).

Figura 11 – (A) Agente de Saúde Fernando Ferro com os pesquisadores visitantes no Laboratório de Triunfo; (B) Equipamentos desativados e materiais encaixotados; (C) Documentação para descarte; (D) Quarentena desativada



Fonte: Foto de Carlos Saldanha Machado (2023).

Nessa ocasião, no escritório do prédio, Alzira Almeida foi entrevistada por telefone pela repórter Maria Carolina Santos do site Marco Zero que preparou algumas matérias com base nessa entrevista¹¹.

DIA 04 (quinta-feira) 20/07/2023

Chegamos em São Jose do Belmonte (Belmonte) no início da manhã e fomos recebidos no Castelo Armorial, pelo historiador Prof. Dr. Valdir Nogueira e o proprietário e idealizador do castelo, empresário Dr. Clésio Novaes. O castelo é baseado no movimento Armorial de Ariano Suassuna (1927-2014), por sua vez inspirado no sebastianismo e na História da Pedra Bonita (Suassuna, 1971; Rego, 1938). Visitamos o Castelo e o Parque da Pedra do Reino acompanhados pelo Prof. Valdir Nogueira que, embora profundo conhecedor da história da região, desconhecia qualquer fato relacionado à peste, apesar da ocorrência de episódios como o de 1968 (Figura 12).

Figura 12 – Em São José do Belmonte: (A) Em Frente ao Castelo Armorial; (B) Jantar na Praça; (C) Parque da Pedra do Reino



Fonte: Foto de Carlos Saldanha Machado (2023).

¹¹ As entrevistas podem ser conferidas nos seguintes links: <https://marcozero.org/a-esquecida-historia-da-mortal-epidemia-de-peste-em-pernambuco/>, <https://marcozero.org/a-peste-uma-doenca-que-sempre-volta/>, <https://marcozero.org/tag/peste-em-pernambuco/>, <https://www.youtube.com/watch?v=yatPV-SZHmc>.

Hospedamo-nos na Pousada Santa Terezinha e, no dia seguinte, prosseguimos, via Salgueiro, para Exu. Diferente de Baltazard, em 1965, que continuou pela estrada de barro (não asfaltada), através de Parnamirim, Ouricuri, Bodocó, Timorante até chegar a Exu (173, km), e que levava quase um dia de viagem, atualmente existe uma estrada que liga Salgueiro a Exu via Serrita e Moreilândia, que, durante o verão, o trajeto de 107 km pode ser feito em cerca de 1 hora 40 m (Figura 2).

DIA 05 (sexta-feira) 21/07/2023

Em Exu, visitamos a Fazenda Araripe, sendo recebidos na Casa Grande da família Alencar, pelas Professoras Amparo e Marfisa, que nos esperavam junto com o Dr. Givaldo Peixoto (advogado, ex-promotor, professor e escritor) e sua esposa, a Professora Thereza Oldan (escritora – memorialista), e seguimos juntos para conhecer a Capela de São João Batista (Alencar 2011, 2018) e a casa de Barbara de Alencar¹². Na capela, o Dr. Givaldo fez uma exposição sobre a história do município, da família Alencar e seus ancestrais, o Barão de Exu e Bárbara de Alencar (Figura 13).

¹² A construção da capela foi uma promessa do Barão de Exú para que a epidemia de Cólera que grassava nas cidades vizinhas de Crato e Juazeiro do Norte (CE) não chegasse a atingir o Exú. Barbara de Alencar (1760-1832): comerciante e revolucionária brasileira, primeira presa política brasileira.

Figura 13 – Na Fazenda Araripe: (A) Da esquerda para a direita, de trás para a frente: Constança, Leila, Marise, Mércia, Givaldo, Elaine, Artur, Thereza, Alzira, Marfisa, Cristina, Amparo, Luise, João, Carlos; (B) No museu/casa de Barbara de Alencar: Alzira, Amparo, Cristina, Marise; (C) Na Capela de São João Batista, escutando a explanação do Dr. Givaldo



Fonte: Fotos de Carlos Saldanha Machado (2023).

Em seguida, fomos para o Laboratório de Peste de Exu e verificamos que as atividades estavam paralisadas, as instalações encontravam-se em estado de abandono e nenhum profissional da equipe da SES do município estava presente. Francisco Gomes de Carvalho, pesquisador do IAM que foi responsável pela Estação de Biologia Experimental do IAM em Exu, no período de 1974-2010, e que se encontrava na cidade, requisitou as chaves do prédio para que visitássemos as instalações (Figura 14).

Figura 14 – (A) Grupo de pesquisadores com Francisco Gomes no Laboratório de Endemias de Exu; (B) Inspeção do antigo material do Laboratório; (C) Última página do último caderno de atividades do Laboratório; (D) Inspeção do acervo de documentos



Fonte: Fotos de Carlos Saldanha Machado (2023).

Cristina Araripe entrevistou as duas primeiras laboratoristas que participaram do PPP: a professora Mirtes Bacurau e a empresária Elenilde Parente, que a sucedeu, enquanto Carlos Saldanha gravou as entrevistas (Figura 15).

Hospedamo-nos na Pousada Leão de Prata, em cima da Serra (Chapada do Araripe), recentemente inaugurada na localidade nomeada Posto da Serra, na estrada que percorre a chapada em direção a vertente sul (Crato) e norte (Araripina).

Figura 15. A: Francisco Gomes e Alzira; B: Mirtes, Alzira e Marise; C: Alzira, Mirtes e Cristina



Fonte: Fotos de Carlos Saldanha Machado (2023).

Continuamos as visitas em Exu, para registro fotográfico dos locais percorridos: Igreja Matriz do Bom Jesus na praça principal, no Centro da cidade, que estava passando por obras de manutenção; o antigo prédio do Posto do DNERu, que sediou a Estação de Biologia Experimental do IAM, de 1974 a 2002 (atualmente utilizado por um Cartório; o Parque Asa Branca e o Museu Gonzaga)¹³.

Visitando as antigas edificações da Escola Agrícola, onde funcionou o PPP (1966-1974) pudemos constatar que a área foi invadida pela população local; o prédio principal, onde funcionou o laboratório parcialmente desmornado, foi subdividido e transformou-se numa espécie de cortiço rodeado de uma comunidade que cresceu ao seu redor, tornando-o dificilmente identificável. Por outro lado, as casas onde habitaram alguns participantes do PPP (o casal Alzira e Célio, a bióloga Darci Brasil e o biólogo Manuel Lopes) parecem relativamente bem conservadas (Figura 16).

Figura 16 – (A) Prédio da escola Agrícola de Exu, sede do PPP (1966); (B) Casas dos pesquisadores; (C-E) Nas ruínas das instalações do PPP (2023)



Fonte: (A) Acervo do Serviço de Referência Nacional de Peste (1966); (B-E) Fotos de Carlos Saldanha Machado (2023).

À noite, a equipe do site Marco Zero¹⁴ gravou outra entrevista com Alzira Almeida sobre sua atuação nos trabalhos com a peste e preparou uma matéria, além de outra baseada numa entrevista do pesquisador Francisco Gomes (responsável pela Estação de Biologia Experimental do IAM em Exu

¹³ O célebre sanfoneiro Luiz Gonzaga (1912-1989), nascido no Sítio Caiçara (Exu), e sua família também habitaram a Fazenda Araripe.

¹⁴ <https://marcozero.org/missa-do-vaqueiro-vira-megaevento-com-show-de-gusttavo-lima/>

no período de 1974-2010) e mais uma com base numa visita da equipe do Marco Zero ao Distrito Tabocas (município de Exu), onde ocorreu importante surto de peste nos anos de 1930 (Parente; Miranda, 2023).

DIA 07 (domingo) 23/07/2023

De manhã, Cristina Araripe partiu em carro alugado para o Juazeiro do Norte (Ceará), de onde seguiu por avião para uma reunião no Paraná. No retorno para o Recife, pudemos acompanhar a 51ª Missa do Vaqueiro, importante evento regional celebrado anualmente, desde 1972, em Serrita, em memória do vaqueiro Raimundo Jacó, assassinado misteriosamente na caatinga (Figura 17).

Pernoitamos no Max Hotel em Arcoverde, onde nos reunimos pela última vez para discutir sobre a expedição e traçarmos um esboço do relatório a ser publicado.

DIA 08 (segunda-feira) 24/07/2023

Prosseguimos em direção ao Recife com uma parada em Bezerros para visitar o ateliê de xilogravura de J. Borges e adquirir algumas de suas obras que foram assinadas pelo próprio, que veio a falecer pouco tempo depois. No final da tarde, chegamos no IAM, onde nos despedimos (Figura 17).

Figura 17 – (A) Missa do Vaqueiro; (B) Grupo em frente à Van; (C) Sr. J. Borges



Fonte: Fotos de Carlos Saldanha Machado (2023).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No período de 50 anos (1968 a 2018), o Brasil registrou 2.754 casos de peste e 33 mortes, com uma taxa de letalidade de 1,2%. Globalmente, o número de casos foram 91.868 e 6.825 óbitos (7.4%). Durante a década de 1970, o Brasil teve o maior número de casos das Américas, com registros anuais, alcançando um pico de 496 casos notificados à OMS em 1975. Os últimos surtos de peste no Brasil ocorreram na Bahia (1975), Ceará, Pernambuco (1974/1975) e Paraíba (1986/1987). Desde então, todos os focos mostraram tendência à quiescência, com apenas três casos confirmados laboratorialmente na década de 1990 e um caso em 2005, todos no estado do Ceará. Casos suspeitos esporádicos continuaram a ser registrados, principalmente nos estados do Ceará e da Bahia, porém sem confirmação laboratorial. Além disso, desde 1987, a bactéria *Y. pestis* não foi mais identificada em roedores, nem em pulgas, durante as atividades de vigilância de rotina, e os testes sorológicos para anticorpos antipestosos em animais sentinela têm diminuído ao longo do tempo (Bezerra; Almeida, 2022; WER, 2019).

Apesar dos avanços alcançados pelas pesquisas e programas de controle da peste mundialmente, ainda há muitos estudos e investigações a serem realizados para esclarecer questões pendentes (Vallès, *et al.*, 2020; Stenseth, *et al.*, 2008).

No Brasil, a falta de atenção ao controle da peste dificulta a estimativa real da morbimortalidade associada à peste, um problema agravado pela ocorrência da zoonose em locais remotos e empobrecidos, onde o acesso da população aos serviços de saúde é limitado e a vigilância sanitária é praticamente inexistente. Portanto, é plausível supor que casos da doença ainda ocorram sem notificação. Por outro lado, falsos positivos podem resultar de diagnósticos incorretos em laboratórios clínicos que utilizam sistemas automatizados de identificação microbiana, os quais, por vezes, não identificam corretamente a *Y. pestis*, levando a diagnósticos falsos positivos ou negativos (Tavares, *et al.*, 2020).

Outro aspecto que necessita de maior compreensão é como a bactéria *Y. pestis* se perpetua durante os períodos de silêncio epidemiológico da peste e os fatores que determinam seu desaparecimento e posterior reemergência. A reativação da peste no Brasil poderá ser de natureza intencional (bioterrorismo) ou acidental (introdução acidental de pessoas, pulgas, roedores ou outros animais, como *pets*), e, também, pode ser influenciada por mudanças climáticas, degradação social, proliferação de roedores ou epizootias (Tavares, *et al.*, 2020).

Está bem estabelecido que a peste pode permanecer em silêncio epidemiológico por várias décadas e, de repente, ressurgir e se espalhar entre populações humanas. Apesar da atual tendência decrescente, é essencial manter vigilância constante e rigorosa. A persistência dos focos de peste deve ser considerada uma ameaça real contínua, capaz de afetar humanos nas regiões focais de transmissão

e, potencialmente, se expandir para outros locais, inclusive centros urbanos, devido ao deslocamento de infectados e à desestruturação dos serviços de vigilância e controle. Existe sempre a possibilidade de ocorrência de peste em áreas pouco usuais, seja por importação de casos provenientes de outros estados brasileiros onde há focos de peste silvestre, ou de outros países. A história da peste na região aqui enfocada deveria ser valorizada, no sentido de destacar a capacidade da população e dos poderes públicos em responderem aos desafios postos. Destacamos, finalmente, que o esquecimento pode ser um fator de risco, pois, no caso de um ressurgimento, vai se experimentar uma situação na qual o universo local estará despreparado.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, T. O. Exu: três séculos de história. ISBN 978-85-912955-0-0, 2011.

ALENCAR, T. O. *Igreja de São João Batista do Araripe - Exu-Pernambuco, Sesquicentenário 1868-2018*, ISBN-13:978-6586900002, 2018.

ALMEIDA, A. M. P. *at al.* Programa de peste e outras infecções microbiológicas. In: Coutinho, E. M.; Brandão-Filho, S. P.; Furtado, A. F. (Eds). *Instituto Aggeu Magalhães: 70 anos de pesquisa e ensino para a saúde*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2020, pp:147-161.

ALMEIDA, A. M. P. Frederico Simões Barbosa e a peste. *Cadernos de Saúde Pública* 32 (Suppl 1), 2016. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-311XES06S116>.

BALTAZARD, M. Viagem de estudo ao Brasil para a organização de um projeto de pesquisas sobre a peste. *Revista Brasileira de Malariologia e Doenças Tropicais*, v. 20, p. 335-366, 1968.

BALTAZARD, M. [La démarche exemplaire d'un épidémiologiste de terrain M. BALTAZARD et les foyers de peste du Nordeste brésilien]. *Bulletin Société Pathologie Exotique*. 2004;97 (Suppl): 87-117.

BARRERA, J. M. Relatório sobre a peste no Brasil. Washington: OPAS, 1960. *Documento datilografado encaminhado pela OPAS ao MS em 18/10/1960*.

BEZERRA, M. F. *et al.* Ecologic, geoclimatic, and genomic factors modulating plague epidemics in primary natural focus, Brazil. *Emerging Infectious Disease*. 2024 Sep [date cited]. <https://doi.org/10.3201/eid3009.240468>.

BEZERRA, M. F.; ALMEIDA, A. M. P. Important Infectious Diseases in Latin America and the Caribbean: Plague. In: Mehlhor, H.; Heukelbach, J. (Eds.). *Infectious Tropical Diseases and One Health in Latin America*. Cham: Springer International Publishing, pp: 45-70, 2022.

BRAMANTI, B., *at al.*, Plague: A disease that changed the path of human civilization. *Yersinia pestis: retrospective and perspective*. Springer, v. 918, p. 1-26, 2016.

CUNHA, E. *Os Sertões*, 1902 (1ª ed.).

DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Recife, Pernambuco, Brasil. ed. 00195 de 28/08/1957.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Recife, Pernambuco, Brasil. ed. 00198 de 31/08/1957

DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Recife, Pernambuco, Brasil. ed. 00194, de 28/08/1960.

FERNANDES, *et al.*, Spatiotemporal analysis of bubonic plague in Pernambuco, northeast of Brazil: Case study in the municipality of Exu. *Plos One*, v. 16, n. 4. p. 1-14, Apr. 2021. DOI 10.1371/journal.pone.0249464, 2021b.

FREITAS, O. Os trabalhos de hygiene em Pernambuco. *Relatório apresentado ao secretário geral do Estado*. Recife: Imprensa Oficial, 1919.

FREITAS, C. A. *Histórias da Peste e de Outras Endemias*. Rio de Janeiro: PEC / ENSP, 1988.

LOPES, D. R. *Triunfo a Corte do Sertão*. 2017 3ª ed. Gráfica Universal, Serra Talhada, PE.

PARENTE, C. M. C.; MIRANDA, C. A. C. “‘Armaria, ‘armaria’, ‘armaria’, a bubônica!’”: comportamentos e estratégias coletivas diante de uma epidemia de peste que assolou Exu, no sertão pernambucano, em 1935. *Revista NUPEM*, Campo Mourão, v. 15, n. 34, p. 84-101, jan./abr. 2023. DOI: 10.33871/nupem.2023.15.34.84-101.

REGO, J. L. *Pedra Bonita*, 1938 (1ª ed).

SILVA, M. S. B.; ALMEIDA, A. M. P. Serviço de Referência Nacional em Peste. In: Coutinho, E. M.; Brandão-Filho, S. P.; Furtado, A. F. (Eds). *Instituto Aggeu Magalhães: 70 anos de pesquisa e ensino para a saúde*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2020 pp: 258-259.

SILVA, M. A. D. A Global Desert Plague, Rural Knowledge, and Epidemiological Reasoning in the Brazilian Backlands (1939– 1965). In: *Rural Disease Knowledge*. Ed. Silva, M. A. D; Lynteris, C. CC-BY-NC-ND DOI: 10.4324/9781003438984-8 (2025).

STENSETH, N. C, *et al.*, Plague: past, present and future. *PLoS Medicine*, v. 5, p. 9-13, 2008.

SUASSUNA, A. *Romance da Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta*. 1971 (1ª ed),

TAVARES, C. *Análise do contexto, estrutura e processos que caracterizaram o Plano Piloto de Peste em Exu e sua contribuição ao controle da peste no Brasil*. Tese de Doutorado em Ciências Biológicas, UFPE, 2007. 305 p.: il.: tabs.

TAVARES, C. *et al.*, Peste, uma zoonose esquecida. *Journal of Health Biology Science*, v. 8, p. 1-3, 2020.

VALLÈS, X. *et al.* Human plague: An old scourge that needs new answers. *PLoS Neglected Tropical Disease*, v. 14, e0008251, 2020.

WER. Plague around the world in 2019. *Weekly Epidemiological Record* 94, 289-292. <http://www.who.int/wer>, 2019.

WHO. *Coronavirus disease (COVID-19) pandemic*. <https://www.who.int/europe/emergencies/situations/covid-19>